

# 1 - ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA METODOLOGIA DE PAULO FREIRE

## 1.1 - O Caráter Dinâmico e Participativo da Metodologia

A metodologia está baseada no princípio de que as pessoas não se dividem entre os que não sabem e os que sabem.

"Na verdade, o que existem são homens e mulheres que vivem, trabalham e lutam". A vida, o trabalho e a luta das pessoas não são levados em conta pela escola tradicional.

Nessa escola existe uma divisão: de um lado, o professor "que sabe", de outro, o aluno "que não sabe"; na escola tradicional há um "professor que ensina" e um "aluno que aprende"; há um professor que fala, um aluno que escuta, anota, decora, faz exercícios e presta exames.

Desse modo, de ano para ano, são cumpridos "programas" sempre pré-estabelecidos, quer seja pelas autoridades escolares municipais ou estaduais.

A relação autoritária que existe na escola tradicional nada mais é que a reprodução da relação de autoritarismo que existe na própria sociedade em que vivemos, onde tudo é imposto de cima para baixo.

"Na metodologia de Paulo Freire, ao contrário, leva-se em conta enormemente a história de cada pessoa do grupo". É uma metodologia que procura eliminar a relação autoritária presente na escola tradicional.

## 1.2 - Professor-Aluno: Relação Dialogal

Uma vez convencidos de que ninguém ensina a ninguém, vamos iniciar um trabalho conjunto, porque sabemos que o homem só aprende com outros homens, em comunhão.

Cada grupo de alunos é auxiliado por um(a) coordenador(a).

Este coordenador não deve ser o centro dos trabalhos, o grupo de aluno deve ser o centro, o que não quer dizer que o orientador deve omitir-se ou anular-se, e deixar o grupo en

tregue a si mesmo. O coordenador é o elemento que participa ativa e efetivamente, dando sua contribuição: ouvindo, promovendo e provocando o debate, o diálogo, as indagações.

Ele não deve ser, portanto, o único a falar, não deve dizer sempre a palavra final, não deve ser o dono da verdade.

O grupo deve falar, expor idéias e experiências de vida e indagar.

O coordenador deve indagar e indagar-se sobre os fatos, deve ser o facilitador das descobertas e dos "porquês".

### 1.3 - O Caráter Dinâmico da Metodologia

O trabalho de alfabetizar é fundamentalmente um ato político-pedagógico.

A tarefa do coordenador não é puramente técnica, e, por isso mesmo, não se esgota apenas na hora da alfabetização. O coordenador não é um elemento neutro e distante das reais condições de vida do grupo, sua tarefa vai mais além: estende-se pela vida, no local de trabalho, no bairro, na rua.

O coordenador deve-se identificar com o povo, conhecer seus problemas.

Respeitar o que o povo pensa, sente e faz é tarefa do coordenador.

O trábaho de alfabetização tem por objetivo permitir que as pessoas se valham da palavra escrita para interpretar a realidade. Aprender a ler a realidade significa pronunciar o mundo, e pronunciá-lo é compreendê-lo.

A alfabetização nunca deve servir para alienar o homem.

### 1.4 - O que é Conhecer?

Ler a realidade é uma forma de evitar a alienação.

Fazer a leitura da realidade é compreendê-la em seus variados aspectos. O ato de ler a realidade se faz através de representações que se chamam Código.

Por exemplo, uma das palavras que vamos estudar é a palavra ROÇA.

Esta palavra é um código no sentido de que não é apenas uma área cultivada: é uma situação em que há outros e

mentos envolvidos: a roça é o trabalho do homem que ara a terra, que semeia, aduba, colhe.

Para conhecermos as coisas, os objetos, as situações, os pensamentos, devemos dividi-los em partes. Este processo de divisão das partes que compõem o objeto (código) chama-se análise ou descodificação.

É a análise que nos faz chegar a um conhecimento maior e mais completo da realidade. Este conhecimento é chamado síntese.

É analisando e sintetizando que o ser humano conhece.

O processo do conhecimento é individual e intransferível, ninguém pode conhecer por ninguém. A análise e a síntese devem ser feitas pela pessoa que deseja conhecer.

Só analisando é que a pessoa tem a oportunidade de sintetizar.

Nos Círculos de cultura, o coordenador deve estimular a descodificação, a análise dos objetos e situações para que todos, alfabetizador e alfabetizando, conheçam a realidade mais profundamente.

#### 1.5 - Em vez de Aula: Debate nos Círculos de Cultura

Não existem "aulas" nos círculos de cultura; lá todos expõem idéias, discutem, debatem, dialogam.

Estes debates são fundamentais no processo de alfabetização.

É coletivamente que se vai construir e conhecer a realidade do lugar.

A realidade varia de lugar para lugar porque as pessoas variam. Por isso, a metodologia de Paulo Freire é um desafio à criatividade porque, mesmo que haja pontos comuns, cada realidade é única e cada grupo tem sua característica própria.

O diálogo é muito importante, porque ele desafia o pensamento da gente. Tem a finalidade de acabar com a relação autoritária que existe na sociedade em que vivemos e que nos faz repetir coisas como se fôssemos papagaios.

A discussão serve para sacudir os pensamentos e clarear as idéias.

Todos nós temos alguma coisa a ensinar e a aprender, e a discussão é o momento que favorece a troca e, através da troca, estabelece-se um clima de aprendizagem coletiva. Assim

sendo, devemos considerar o momento da discussão um momento de educação onde se descobre a vida através de palavras.

Criamos, então, o hábito de pensar e refletir, por nós mesmos, a nossa realidade, deixando de lado as concepções simplistas, as explicações mágicas e ingênuas da realidade, que nos foram passadas em casa, nas escolas, no rádio, na televisão, etc ...

## 2 - A - B - C DO MÉTODO PAULO FREIRE

Para que o trabalho de alfabetização se realize de maneira eficiente, e para que o educador-educando possa atingir seu objetivo, há que se obedecer a uma metodologia sem a qual será impossível realizar a prática libertadora de educação de adulto. Vejamos qual deve ser a sequência a ser obedecida na aplicação do método Paulo Freire.

### 1ª FASE

#### 2.1 - O Trabalho da Fala

Pesquisa do universo vocabular (através de uma ação dialogal).

- a) Não há questionários nem roteiros pré-determinados;
- b) Há perguntas sobre a vida, sobre casos acontecidos, sobre o trabalho, sobre modos de ver e compreender o mundo;
- c) Reuniões podem ser provocadas para efeito de um momento de pesquisa;
- d) Reuniões costumeiras podem ser aproveitadas para a pesquisa;
- e) Algumas frases inteiras serão guardadas e um dia, mais tarde, devolvidas ao grupo, no círculo de cultura.

#### 2.2 - O Trabalho Sobre a Fala

##### 2.2.1 - As Palavras Geradoras

Critérios para a escolha das palavras:

- a) Sintático: riqueza fonêmica, grau de dificuldade fonêmica;
- b) Semântico: maior ou menor intensidade do vínculo entre a palavra e o ser que designa;
- c) Pragmático: maior ou menor teor de conscientização que a palavra traz em potencial.

OBS - As palavras geradoras devem conter todos os fonemas da Língua Portuguesa e devem incluir todas as dificuldades de pronúncia e escrita (S-SS-C-CH-X-LH);

- não precisam ser muitas. De 16 a 23 é o bastante;
- estas palavras devem codificar o modo de vida das pessoas dos lugares onde a "descoberta" foi feita.

### 2.3 - A Dimensão mais ampla

O tema gerador (para ser usado na fase de pós-alfabetização)

- Descobrir a carga pragmática de cada palavra - Instrumentos de debate de uma fase posterior do trabalho do círculo.

OBS - Os temas são colecionados sob todas as formas possíveis de material: entrevistas escritas e gravadas, dados sobre o lugar, sobre a comunidade, fotos, documentos.

Uma série de temas geradores pode ser discutida:

- 1 - Formação social: trabalho e sociedade;
- 2 - A natureza e o homem: o ambiente - jardim;
- 3 - Relações do homem com a natureza: o trabalho - rural e urbano;
- 4 - O processo produtivo: o trabalho como questão - fábrica;
- 5 - Relações de trabalho (funcionário - operário ou camponês) - funcionário da FIUBE;
- 6 - Formas de expropriação: relações de poder - fábrica;
- 7 - Formas populares de resistência e luta.

### 2.4 - Fichas de Cultura

Desenhos, slides, e/ou transparências, que, partindo

de situações existenciais, possibilitam a apreensão coletiva do conceito de cultura.

2ª FASE

1 - O Trabalho com a Fala

O círculo de cultura (atividade comum em que todos se ensinam e aprendem através da participação em todos os momentos).

1.1 - Reler o Mundo: As Fichas de Cultura

O animador coloca diante de todos o primeiro cartaz das fichas de cultura e sugere que digam o que estão vendo.

OBS: Em duas noites são discutidas estas situações, motivando-se intensamente os homens para iniciar, na terceira, a sua alfabetização.

1.2 - Reler a Fala: As Palavras Geradoras

a) Cada palavra geradora tem o seu desenho, e é com ele, nele, que ela aparece no círculo, sugerindo um debate a respeito do que é visto;

b) Plano de palavras

- Idéias para discussão;
- Finalidade da conversa;
- Encaminhamento da conversa.

1.2.1 - Hora de falar na palavra: o animador aponta, caminha com o dedo pelo traçado do fio dela.

1.2.2 - Puxa por cima o cartaz da figura, de modo que, "da figura com a palavra", fica a "palavra sem a figura".Ele repete o letrume.

1.2.3 - O monitor coloca diante do círculo um outro cartaz com o nome desdobrado em seus fonemas - pedaços, lembrando que cada pedaço tem sua família.



1.2.4 - Todos lêem e repetem com o monitor, sozinhos, em coro. Surge a idéia de vogais: a parte que muda em cada família.

1.2.5 - O monitor coloca diante de todos a ficha de descoberta: a partir dela o grupo para de repetir o que vê e começa a criar com o que repetiu, vendo.

- a) Primeiro, o monitor lê os fonemas em todas as direções possíveis (horizontal - vertical - diagonal);
- b) Se alguém se animar a criar qualquer palavra, isso deve ser muito incentivado;
- c) Se ninguém quiser tentar, então o monitor inicia a criação de palavras;
- d) Os educandos devem ser incentivados a escreverem em casa todas as palavras que forem capazes de formar;
- e) Caso necessário, deverá haver exercício de coordenação motora;
- f) Na reunião seguinte, o círculo de cultura começa com os alfabetizando lendo alto as palavras que formaram em casa;
- g) Esgotado o trabalho sobre a primeira palavra geradora, o animador pode sugerir que se trabalhe sobre a segunda;
- h) Fonemas das palavras anteriores podem ser convocadas para somarem com os de uma nova palavra;
- i) Entre palavras geradoras, frases completas podem ser escritas com poucos fonemas;
- j) No fim das palavras, os alunos estarão formulando não só frases curtas, ou pequenas falas escritas, mas períodos: "Idéias completas".

### 3ª FASE

#### PÓS-ALFABETIZAÇÃO

Discussão, no círculo, dos temas geradores - visando uma maior e melhor compreensão do mundo.

Para o trabalho de alfabetização dos grupos periféricos de Uberaba e, especificamente, para os alfabetizados da FIUBE, usaremos como material:

- 1 - Um Caderno de Cultura (para uso dos alfabetizados)
- 2 - Um conjunto de transparências;
- 3 - Um conjunto de slides.

### 3.1 - O que é Caderno de Cultura?

É muito importante que você conheça o Caderno de Cultura. Do seu conhecimento vai depender seu sucesso na aplicação do método.

É um caderno que substitui a cartilha tradicional. É um caderno que serve apenas como um estímulo na vida dos participantes do círculo de cultura.

Ele procura atender a uma necessidade básica daquele que se inicia no processo de alfabetização.

É como suporte para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, e foi feito, de tal modo, que se constitua num permanente meio de fazer o alfabetizado pensar, e pensando ele aprenderá uma forma crítica de pensar.

O caderno é um instrumento auxiliar de trabalho e que não esgota o assunto, não é completo nem pretende responder a todas as perguntas, pelo contrário, deve levantar questões, suscitar dúvidas e promover discussões.

### 3.2 - O que é Cartilha Tradicional?

Uma cartilha é um livro, grande ou pequeno, colorido ou não. Existem muitas espalhadas nas escolas e nos postos de alfabetização.

É um livro que foi feito por pessoas, professores, pesquisadores que se preocupam em alfabetizar o povo, mas "estão do lado de fora da vida do povo". Fazem uma cartilha "para" o povo e não "com o povo", por isso mesmo essas cartilhas refletem o pensar de quem as faz.

São cartilhas que trazem tudo pronto e, por isso mesmo, dirigem o pensamento dos alunos, "acabando por 'enferrujar' o pensamento das pessoas".



"Por exemplo", nas cartilhas que geralmente se fazem para o povo, tudo é feito para que todos acolham, recebam, enfiem dentro da cabeça os discursos dos políticos, dos donos, dos chefes, dos patrões".

E o educador, ao usá-la, não educa, adestra.

Não liberta, oprime.

Não deixa o educando pensar, pensa por ele.

Não permite ao educando expressar-se, expressa, ou fala por ele.

Não deixa o educando ver o mundo, a realidade, vê por ele.

Mostra ao educando o mundo e a realidade que convém à classe dominante.

É indispensável que se compreenda, também, que o Caderno de Cultura deva ser enriquecido com frases, pequenos textos dos alfabetizandos, e que principalmente não seja visto nem usado como a cartilha tradicional.

Para distinguir um material do outro, vamos mostrar que através do uso da cartilha tradicional o educador tem uma visão do homem dotado de uma consciência "vazia" que precisa ser "enchida".

Que os analfabetos são homens "subnutridos" porque lhes falta o "pão do espírito", e que vamos "alimentá-los" com palavras que deverão ser "comidas" e "digeridas".

Palavras estas que deverão ser "depositadas", e nunca fruto do esforço criador do alfabetizando.

#### 4 - CULTURA - VISÃO ANTROPOLÓGICA

O homem está no mundo e com o mundo.

É um ser de relações e não de contatos, por isso, é diferente dos animais.

Estando com, e não, só no mundo, ele cria, recria e transforma esse mundo.

O trabalho é uma ação transformadora do homem.

Sempre que o homem age sobre o mundo ele faz cultura.

Essa cultura é passada de geração para geração.

Agindo sobre o mundo o homem se relaciona com:

- os objetos da natureza;
- os animais;
- os outros homens.

Estamos fazendo um trabalho voltado para esse homem que se relaciona com objetos da natureza, os animais e seus semelhantes, ou seja, os outros homens.

O mundo está sempre desafiando o homem e ele responde a esse desafio atuando, agindo, criando, recriando, transformando para nele viver melhor.

Ao transformar o mundo, ele se transforma também.

A transformação do mundo pelo homem se dá de duas maneiras:

- direta : quando o homem age diretamente sobre a natureza. Exemplo: quando prepara a terra para plantio de uma árvore;
- indireta: quando ele age sobre a natureza já transformada. Exemplo: quando faz uma porta, uma cadeira, uma canoa, etc.

Assim sendo, toda sociedade possui uma cultura, desde as mais simples até as mais modernas e complexas, isto porque a sociedade é constituída de homens e o homem é, por excelência, um "feitor de cultura".

#### 4.1 - Discussão do Conceito de Cultura

O conceito de cultura é muito importante. Para se chegar a isso, vamos utilizar a projeção de slides no trabalho de alfabetização e/ou a retroprojeção com transparência.

Os mesmos slides e/ou as transparências estão reproduzidas na capa e contracapa do caderno de cultura.

##### a) Uma Cena Rural

Para discutir a posição do homem no mundo o coordenador deve ser criativo, flexível e aproveitar a vivência do grupo para, a partir daí, iniciar uma discussão.

Exemplificando: (Mostrar o slide ou a transparência)

"O que estamos vendo"?

Minutos depois começam as respostas: casa, homem, mulher, ponte, cachorro, etc.

O coordenador vai estimulando o grupo, perguntando: "O que mais"?

Uma vez explorado todo o quadro, o coordenador propõe novas questões:

- "Destas coisas que estão aí, o que vocês acham que foi feito pelo homem"?

Obteremos possivelmente estas respostas:

. Casa, telha, janela, porta, tijolo, cimento, ponte, ferro.

- "E disso aí, o que não foi feito pelo homem"?

Possíveis respostas: céu, rio, sol, vegetação, cachorro, peixe, serra, etc.

O coordenador então complementa:

- "As coisas da natureza não foram feitas pelo homem. As coisas feitas pelo homem são chamadas: coisas de cultura.

Para familiarizar o grupo com estes nomes serão desenvolvidas algumas questões feitas de forma diferente:

- "Neste quadro quais são as coisas da natureza"?

Esperar as respostas do grupo e prosseguir.

- "Quais as coisas da Cultura que vocês estão vendo?"

- "Por que o homem fez estas coisas"?

Evidentemente algum responderá:

- "Porque ele precisa delas: uma casa para morar, uma ponte para atravessar o rio ..."

- "Como foi que o homem fez a casa? A ponte? A porta? A janela"?

É possível que no grupo haja alguém que já tenha feito sua própria casa, uma ponte, etc. É oportuno incentivar a descrição destes trabalhos.

- "Para fazer cultura o homem age sozinho ou precisa de outros homens"?

- "E vocês fazem cultura"?

- "Quando, onde e como"?

Deixe o grupo falar, pensar, discutir sobre esses pontos.

b) Uma Cena Urbana

Apresentar o slide e/ou a transparência. Repetimos aqui a pergunta inicial:

- "O que vemos aí: O que é da Natureza? O que é da Cultura"?
- "E para fazer essas coisas o homem usou também a natureza (transformação indireta)"?
- "Mesmo para fazer a enceradeira"?
- "Por que são feitas essas coisas"?

Muitos respondem que é para ganhar dinheiro. As coisas da cidade são diferentes das da zona rural.

- "Como as pessoas fazem a Cultura na Cidade"? Este assunto vai gerar uma discussão muito rica sobre o trabalho coletivo, que é feito nas cidades, nas fábricas, nas construções, etc.

O contato do homem da roça com a natureza é direto, o contato do homem na cidade com a natureza é limitado, porque nas fábricas, nas construções, etc, o homem utiliza-se da transformação indireta da natureza.

5 - PALAVRA: EXPRESSÃO DA NECESSIDADE HUMANA

O homem se utiliza da palavra para dizer o mundo. É um ser de palavra. Por isso, as alunas do Curso de Alfabetização de Adultos da FIUBE pesquisaram junto aos funcionários da Instituição, que também fazem parte dos grupos periféricos de Uberaba, qual seria o seu universo vocabular, retirando daí os temas e desses as palavras geradoras.

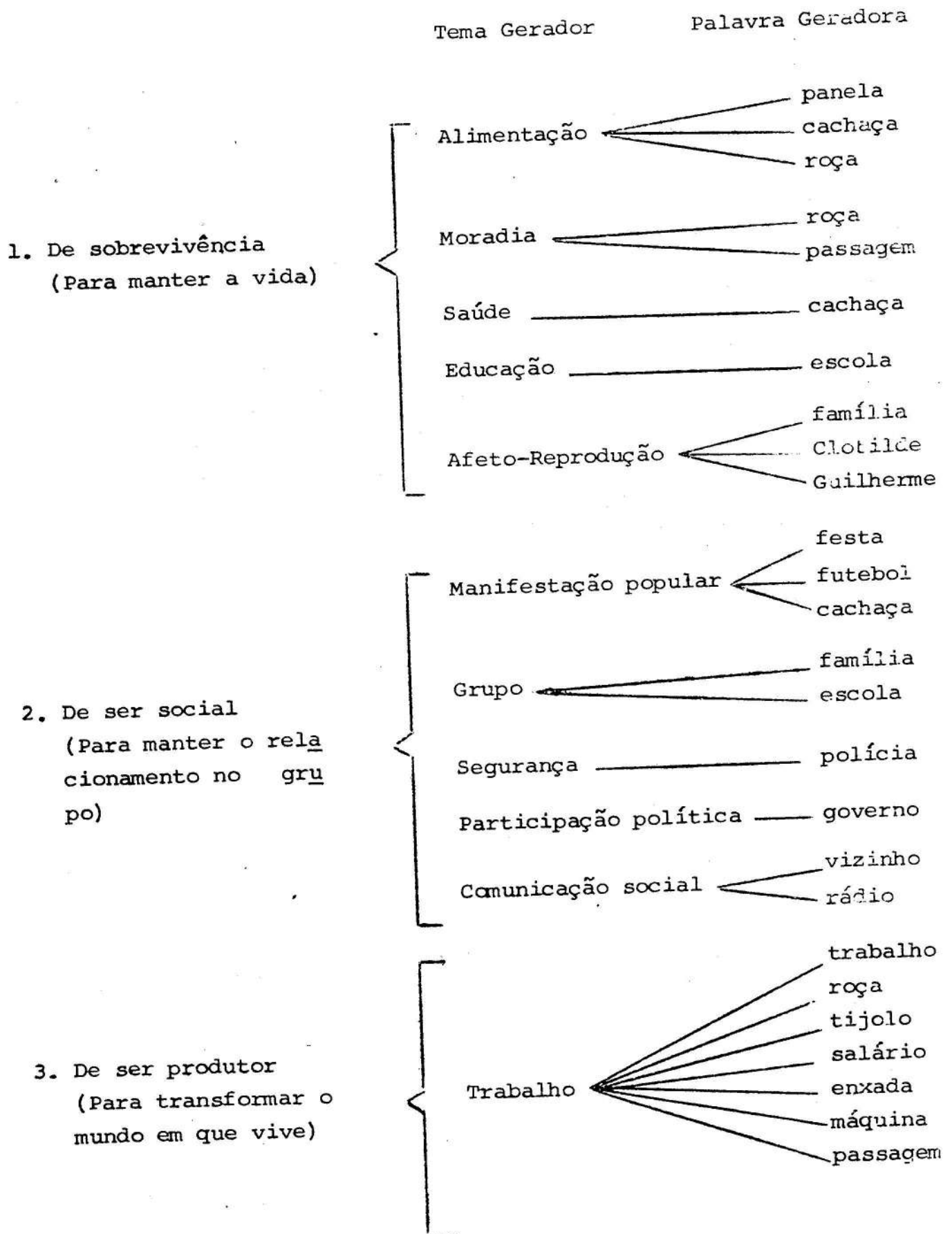
Foram selecionadas dezenove palavras que serão mostradas agora. Os temas e as palavras não aparecem soltos ou isolados, estão ligados à experiência de vida de cada um.

Vimos que se relacionam e correspondem às necessidades fundamentais do ser humano.

Essas necessidades foram agrupadas e classificadas, partindo das palavras e dos temas geradores.

NOTA - É preciso perceber que o agrupamento e a classificação a seguir não são definitivos, e que a palavra FAMÍLIA, por exemplo, se liga a mais de um tema ou se prende a mais de uma necessidade.

# NECESSIDADES DO SER HUMANO



## 6 - AS PALAVRAS GERADORAS

### 6.1 - Orientações Iniciais

1 - Como percebemos, pelo item "ABC do método Paulo Freire", e como já foi dito na apresentação deste educaderno, da pesquisa do universo vocabular nasceram as palavras geradoras. É a palavra geradora, que, decomposta em sílabas, vai possibilitar a formação de palavras novas. Na seleção dessas palavras levamos em conta o grau de dificuldades ortográficas. Partimos das sílabas mais simples como pa, fa, ma, ba, etc., para as mais complexas como: lh, nh, ss, tr, ch, etc.

2 - A palavra geradora é codificada em uma situação real. Esta situação é que será analisada (descodificada).

3 - A análise da situação é feita mediante uma discussão com o grupo. Nesse momento o coordenador desempenha um papel de muita importância: deve ser o facilitador do grupo, orientando-o na busca dos "porquês", ajudando-o a expressar seu pensamento, e fazendo indagações tais como:

- "Como isso acontece"?
- "Por que acontece assim"?
- "Vocês estão de acordo com o que foi dito"?
- "Por que"?
- "Sempre foi assim"?
- "Isso pode mudar"?
- "Como pode mudar"?
- etc

O coordenador deve sempre observar o grupo, suas reações diante das perguntas, sua curiosidade e seu interesse para poder provocar novas perguntas que ajudarão todos a pensar mais.

Entretanto, não é a quantidade do pensar que é importante, mas, sim, a forma de pensar mais criticamente.

Nesse processo de ajudar o grupo a pensar criticamente, é que o coordenador deve lançar mão de toda sua criatividade para que a criticidade do grupo venha à tona, sem se preocupar, contudo, que se obtenham conclusões finais. Os temas sugeridos podem ser mais ricos se você, como coordenador, os discutir antes com outras pessoas da comunidade.



4 - Quando chegar o momento de trabalhar a palavra na leitura e escrita, ela não se apresentará vazia porque estará enriquecida pelo significado que lhe foi dado durante a discussão.

A palavra decifrada, soletrada não é lida, porque ler é mais do que isso: é compreender e penetrar no sentido do que se lê.

Daí, ser a discussão parte integrante da metodologia.

6.2 - 1ª Palavra Geradora: FAMÍLIA

Código - Foto de uma família de Uberaba.

Descodificação (análise)

A "leitura da codificação" deve ser estimulada pelo coordenador.

A situação apresentada deve ser livremente discutida pelo grupo, o que não significa que o coordenador deva se omitir, deixando o grupo perder-se na discussão, analisando sozinho a codificação.

É necessário que haja perguntas, associação entre uma resposta e outra, enfim, um encadeamento de idéias gerando novas perguntas e novas idéias.

O tema poderá gerar pontos de discussão tais como:

- "O que é família"?
- Posição da mulher na família;
- Relações dentro da família (marido e mulher, pais e filhos, irmãos com irmãos);
- Dificuldades da família hoje;
- Modos de vida da família uberabense, suas expectativas, esperanças, formas de lazer, etc.

OBS: Esta forma de conduzir a discussão tem por objetivo apresentar alguns temas referentes às codificações. Podem aparecer ou não nas discussões dos círculos de cultura. O interesse e a necessidade do grupo deverão ser sentidos, observados e as discussões complementadas.

Após a análise da codificação passa-se à etapa seguinte:

- 1 - O coordenador lê em voz alta a palavra geradora FAMÍLIA que está relacionada com a discussão anterior. Depois, convidada os elementos do grupo para fazerem também a leitura

da palavra.

- 2 - Escreve-se a palavra "FAMÍLIA" no quadro, do mesmo jeito que está escrita no Caderno de Cultura.
- 3 - Lê-se novamente a palavra e pergunta quantas vezes abrimos a boca para pronunziá-la: quatro vezes - FA-MI-LI-A.
- 4 - O coordenador apresenta o slide ou a transparência onde a palavra FAMÍLIA está escrita separadamente. Destaca-se cada sílaba ou pedaço - FA-MI-LI-A.
- 5 - Pede-se ao grupo que mostre salteadamente cada pedaço:
  - "Quem quer mostrar o 'MI'?"
  - "Onde está o 'FA'?"
  - "Como se chama este pedaço 'LI'?"
  - "Como se diz este pedacinho? 'A'?"
- 6 - Em seguida, apresenta-se a terceira transparência e/ou o terceiro slide, onde aparece a família do "FA".  
Faz-se perguntas variadas como:
  - "Vocês reconhecem aqui algum pedaço que já apareceu antes?" etc.
 Depois que o grupo reconhecer o "FA", apresenta-se aos educandos os outros pedaços da família do FA: FE-FI, FO-FU. As sílabas são lidas nessa, e em outras ordens também: FE- FU FO-FI, etc.
- 7 - Varia-se a forma de provocar o reconhecimento das sílabas, buscando a identificação de cada uma.

OBS: Pode-se iniciar o trabalho com os "cartões relâmpagos", cada qual contendo a família do FA (FA-FE-FI-FO-FU).  
O uso desses cartões pode ser bem variado (ai entra a criatividade do coordenador). Ver sugestões de exercícios no final deste educaderno.

Sem cansar os participantes com excessiva repetição dos pedaços ou sílabas, prossegue o trabalho com as demais famílias da palavra geradora:

MA-LI-A, obedecendo sempre o esquema usado com o FA.

7 - A FICHA DE DESCOBERTA (formação das palavras - síntese)

Chegou o momento de se trabalhar com todas as famílias das palavras: o coordenador prepara os educandos-educadores para essa aprendizagem, apresentando-as:

- FA FE FI FO FU
- MA ME MI MO MU
- LA LE LI LO LU
- A E I O U

Deve fazer dessa fase da leitura um momento **interessante**, variando as formas: horizontal, vertical e salteado, de apresentar cada família. Ex:

- FA FE FI FO FU
- FA MA LA A
- FA LE MI FE O

Após ter executado vários exercícios de reconhecimento, o coordenador aponta o conjunto das famílias (ficha de descoberta) e pergunta aos participantes:

- "Será que podemos fazer alguma palavra, juntando alguns destes pedaços"?

Aguarda, pacientemente, que alguém se manifeste.

OBS: Esse é o momento da descoberta, fase muito importante para o educando. Por isso não se adiante a ele, não faça por ele, não o subestime; você deve, sim, ajudá-lo e estimulá-lo a construir palavras novas.

Como já dissemos, é o momento da descoberta e esse ato de descobrir é pessoal e intransferível.

Chegou o momento dos participantes escreverem as palavras que descobriram.

Para facilitar esse trabalho, ele pode usar os quadrinhos com letras manuscritas que servirão como ponto de referência ou consulta.

Eles estão ao lado dos quadrinhos em letra de forma no Caderno de Cultura.

Poderão ser feitos vários exercícios utilizando-se as palavras formadas pelos próprios participantes.

No final deste Educaderno, oferecemos uma série de exercícios facilitadores de aprendizagem que se constituirão de pequenas

"dicas" para tornar esta etapa mais rica e mais criativa.

É muito importante que desde as primeiras palavras os participantes trabalhem com frases.

Estas frases deverão ser orais e formadas pelo grupo a partir das discussões nos Círculos de Cultura.

N.B: É de suma importância o trabalho com as primeiras palavras geradoras, pois é através delas e com elas que se "dá a descoberta do processo" de leitura e escrita. Por isso mesmo, são essas palavras que exigem mais tempo e mais cuidado para serem trabalhadas. Demora-se, em média, uma semana com cada uma delas.

Aqui vale o ditado:

"A pressa é inimiga da perfeição" ou "O que merece ser feito deve ser bem feito".

2ª Palavra Geradora: PANELA

Código: Várias panelas sobre um fogão.

Descodificação:

- valor da alimentação
- preparo de alimentos
- para que se alimentar
- custo da alimentação
- hora (tipos)
- mercado
- feira
- supermercado
- armazém
- pacotão do ABC
- sacolão
- saúde.

OBS: A palavra panela é trabalhada da mesma forma que a palavra FAMÍLIA, assim como todas as outras palavras geradoras.